

Patologia médica e gravidez

(21801) - EPILEPSIA NA GRAVIDEZ – ANÁLISE CASUÍSTICA DE UM ANO DE CONSULTA NUM HOSPITAL TERCIÁRIO

Mariana Salgado Simões¹; Joana Farhat¹; Flávia Ribeiro¹; Inês Castro¹; Marta Moreira¹; João Chaves¹; Jorge Braga^{1,2}

1 - Centro Materno-Infantil do Norte; 2 - Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto

Introdução

A epilepsia afeta cerca de 1 a 3% da população e é, por isso, uma das doenças neurológicas mais comuns na mulher grávida. Está associada a maior morbimortalidade materna e o risco de malformações fetais é superior em grávidas sob terapêutica anticonvulsivante.

Objectivos

Caracterização da população em estudo e análise da terapêutica realizada, das intercorrências e complicações da gravidez, bem como do desfecho obstétrico.

Metodologia

Foi realizado um estudo retrospectivo que incluiu as mulheres grávidas com epilepsia seguidas em consulta de Medicina Materno-Fetal (MMF) no Centro Materno-Infantil do Norte (CMIN), de Outubro de 2021 a Outubro de 2022.

Resultados

Foram observadas em consulta de MMF no período supracitado 22 mulheres grávidas com epilepsia, sendo que 2 perderam seguimento e foram por esse motivo excluídas do estudo. A faixa etária mais frequente foi 35 anos ou mais (50%). 13 mulheres tinham uma ou mais gravidezes anteriores e 3 teriam já sofrido um abortamento. 17 (85%) teriam a doença controlada previamente à gravidez e 11 (55%) fizeram alterações ou ajustes à terapêutica anticonvulsivante no período pré-concepcional ou durante a gestação. 4 mulheres (20%) manifestaram crises durante a gestação, sendo que 2 das mesmas teriam a doença controlada anteriormente. Relativamente a intercorrências, registou-se um caso de restrição do crescimento fetal tardia, uma ameaça de parto pré-termo e um parto pré-termo. O desfecho obstétrico até à data foi maioritariamente positivo, excetuando um caso de cesariana emergente por estado fetal não tranquilizador, da qual resultou um recém-nascido com hemorragia intraventricular no período neonatal.

Conclusões

A gravidez de mulheres com epilepsia requer uma vigilância adequada e multidisciplinar, de forma a providenciar estabilidade clínica assim como a minimizar o impacto negativo que tanto a doença como o próprio tratamento podem ter no desfecho materno-fetal e neonatal.

Palavras-chave : Epilepsia, Gravidez